

MACEDO, ANA GABRIELA (ED.)
ESTUDOS COMPARATISTAS E COSMOPOLITISMO.
PÓS-COLONIALIDADE, TRADUÇÃO, ARTE E GÉNERO

CEHUM, Série *Antologias* 4

V. N. Famalicão: Húmus, 2017, 246 pp.

Sandra Isabel Cunha de Sousa*
sandracsousa85@gmail.com

A antologia *Estudos Comparatistas e Cosmopolitismo. Pós-colonialidade, tradução, arte e género* constitui o resultado de um trabalho de tradução coletivo de textos teórico-críticos sobre estudos comparados, do Grupo de Investigação em *Género, Artes e Estudos Pós-Coloniais* (GAPS), do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM). Coordenado pela investigadora e coordenadora do grupo, Ana Gabriela Macedo, o volume de textos reunidos promove uma perspetiva ampla da evolução dos estudos comparados, mais concretamente da sua abertura para as áreas da pós-colonialidade, estudos de género e estudos de tradução.

A primeira secção do volume, “Comparatismo e Tradução”, é composta pelos textos “Sobre a comparação: quem compara o quê e porquê” (trad. Andreia Sarabando), de Walter Mignolo; “Porquê comparar?” (trad. Ana Gabriela Macedo e Margarida Esteves Pereira), de R. Radhakrishnan; “Porquê não comparar” (trad. Ana Gabriela Macedo e Ana Maria Chaves), de Susan Stanford Friedman; “A política da intraduzibilidade” (trad. Maria Amélia Carvalho), de Emily Apter; e “Uma crítica da intraduzibilidade” (trad. Maria Filomena Louro), de Longxi Zhang.

Este primeiro conjunto de textos coloca em evidência a problemática da tradução e a complexidade do exercício, quando aplicado a objetos de estudo tão distintos. Torna-se particularmente interessante o exercício de leitura do texto “Sobre a comparação: quem compara o quê e porquê”, de Walter D. Mignolo, que pretende apresentar uma perspetiva crítica acerca da evolução dos estudos comparados, defendendo um carácter descolonial desta área de investigação, assim como a adoção por parte dos críticos literários e académicos de uma postura relacional no que concerne à reflexão sobre diferentes realidades literárias, artísticas e sociais. Parece-nos importante destacar que da reflexão de Mignolo não está ausente um conhecimento profundo acerca da génese dos estudos comparados, das suas manifestações eurocêntricas, coloniais, assim como a consciência de que a globalização permitiu uma mudança de paradigma na forma como abordamos o campo da comparação.

* Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM), Universidade do Minho, Braga, Portugal.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9159-8762>

Salientamos ainda, desta primeira secção, o texto de R. Radhakrishnan, traduzido por Ana Gabriela Macedo e Margarida Esteves Pereira, “Porquê Comparar?”, que se apresenta como matéria teórica bastante relevante na antologia, no sentido em que questiona a relação dos sujeitos que intervêm no processo de comparação com o mundo, explorando a complexidade da questão em torno da neutralidade no ato de comparar: “as comparações nunca são neutras: são antes, inevitavelmente, tendenciosas, didáticas, competitivas e prescritivas” (p. 40). O autor interroga ainda sobre o ato de comparar como uma prática de valorização da cultura, língua e literatura do agente que leva a cabo a comparação, processo este desencadeado de um modo inconsciente: “os exemplos de comparação são veículos de valorização, e é em nome desta valorização que significa eficiência, beleza, ordem, estrutura, eloquência, que qualquer exemplo contraria outro no diálogo e na contestação” (p.42).

Contribui para o carácter crítico do volume o facto de suceder ao texto de Radhakrishnan o texto de Susan Stanford Friedman, “Porquê não comparar”, que constitui uma resposta substancial à fundamentação em torno das preocupações com o gesto de comparar. A autora reforça a teoria crítica acerca das razões para não comparar, referindo que são “uma legião, centrando-se no modo pelo qual a comparação se baseia em parâmetros normativos segundo os quais o outro é reconhecido e frequentemente julgado” (p.65). O facto de o texto de Friedman surgir logo a seguir ao de Radhakrishnan permite que o leitor adquira uma perspectiva mais ampla e mais solidamente fundamentada acerca da problemática dos estudos comparados.

A segunda secção é composta por textos sobre a emaranhada teia de relações do “Comparatismo com a pós-colonialidade”: “A Transformação das bases e práticas de estudo nas Humanidades” (trad. Joana Passos), de Edward Said; e “Traduções transcoloniais. Shakespeare nas Maurícias” (trad. Maria Filomena Louro), de Françoise Lionnet. Torna-se inegável a importância do texto de Said, como também sublinha Ana Gabriela Macedo na introdução ao volume, para a evolução dos estudos literários e culturais, constituindo este texto mais uma chamada de atenção para os perigos que cercam as Humanidades, que parecem estar “num estado terminal, envoltas em profundos problemas” (p. 101). Segundo o crítico, embora não se possa negar uma certa utilidade do humanismo eurocêntrico e nacionalista no passado, constitui um modelo obsoleto que já não responde às necessidades das sociedades de hoje: “[a] identidade cultural e histórica da nossa sociedade não se pode reduzir a uma tradição, raça ou religião. Até países como a Suécia e a Itália, que pareceram países homogéneos durante séculos, são agora permanentemente alterados pelas enormes ondas de emigração, expatriados e refugiados, que se tornaram a principal realidade humana dos nossos tempos por todo o globo” (p.114).

Torna-se caso paradigmático desta necessidade de expor a diversidade e a heterogeneidade cultural e étnica o texto de Françoise Lionnet, que sucede o de Edward Said na antologia. A crítica literária centra-se na análise da adaptação da *Tempestade* de Shakespeare para o crioulo das Ilhas Maurícias, pelo escritor mauriciano Dev Virahsawmy, abordando a importância da renúncia da língua colonial para dar voz ao crioulo, elemento identitário da comunidade das ilhas. Lionnet realça o facto de, nas Maurícias, não existir “uma língua padrão única, hegemónica, dominante, ou padrão com

que debater”, criando, por isso, “a oportunidade de integrar diversas formas de pensamento e de diversas línguas no seu uso do crioulo” (p.126).

A última parte da antologia intitula-se “Comparatismo, arte e género”, revelando a tendência das últimas décadas da prática comparada *no* e *para* o feminino. Os textos desta última secção pretendem, tal como refere Ana Gabriela Macedo, elaborar um “questionamento da História da Arte como uma “grande narrativa” marcadamente logocêntrica e patriarcal” (p. 14). Integram esta secção os textos “Cartografando a Cronologia: um mapeamento global da arte feminista dos anos 70” (trad. Márcia Oliveira e Maria Luísa Coelho), de Marsha Meskimmon; “*Body art / A performance do sujeito*” (trad. Ana Bessa Carvalho), de Amelia Jones; “Pintura, feminismo, história” (trad. Márcia Oliveira e Maria Luísa Coelho), de Griselda Pollock; “Continentes negros: epistemologias da diferença racial e sexual na psicanálise e no cinema” (trad. Margarida Esteves Pereira), de Mary Ann Doanne; “Como domesticar uma língua selvagem” (trad. Andreia Sarabando), de Gloria Anzaldúa; e “A feminilidade como máscara” (trad. Maria Filomena Louro), de Joan Rivière.

Sendo esta uma secção de interesse central para a antologia, não só pela seleção de textos / autores, mas sobretudo pela pertinência temática no seio dos estudos comparadas, propomo-nos destacar, de entre estes textos, o de Marsha Meskimmon, publicado inicialmente no catálogo da exposição, realizada 2007, *Wack! Art and the Feminist Revolution*, do Museu de Arte Contemporânea de Los Angeles. O texto constitui uma denúncia, um “contraponto às inoperantes histórias canónicas da arte feminista dos anos 70, propondo uma exploração da cronologia através de métodos cartográficos” (p. 149), ou uma visão espacial da história do feminismo, que permite abarcar mais profusamente histórias alternativas que também integram o percurso do feminismo na arte.

Realçamos ainda o texto de Griselda Pollock, publicado originalmente numa obra que convoca exemplos de várias correntes artísticas, *Art of the 20th Century*, e que pretende denunciar a estrutura hierárquica estabelecida na relação entre artista-modelo no estúdio, reflexo de uma dinâmica fortemente hierarquizada quer ao nível social quer sexual. Partindo da teoria já formulada por Jacqueline Rose, Pollock afirma que o lugar da mulher na arte está em risco, dependente de uma “economia da visão específica”, a saber “uma diferença fixa na qual o homem é empoderado com o olhar, criando a sua fantasia de perfeição, sendo que a arte embeleza formalmente a alteridade ameaçadora da mulher” (p. 194). Voltando à questão levantada por Pollock, é este um modelo de economia sexual que caracteriza as obras do artista no seu estúdio.

A antologia de textos traduzidos para a língua portuguesa que aqui pretendemos dar a conhecer constitui um modelo de investigação frutífero, no sentido em que textos de diferentes autores dialogam entre si, apresentando ao leitor perspetivas várias, ainda que, na maior parte das vezes, em consonância umas com as outras, de temas tão marcantes no seio desta abordagem ao saber que é o comparatismo.

[recebido em 21 de maio de 2019 e aceite para publicação em 2 de dezembro de 2019]